

HISTÓRIA E ESCATOLOGIA NO LIVRO DE DANIEL

*William H. Shea**

Daniel é, de certa forma, um livro bipolar. Seus primeiros seis capítulos giram em torno da história do império neobabilônico e do início da supremacia persa em Babilônia. Os últimos seis capítulos do livro dão-nos um esboço apocalíptico que culmina com um grande clímax escatológico. É, por isso, que se faz necessário examinar os dois assuntos em Daniel. Isso exige uma abordagem tríplice: primeiramente, a história em seus próprios termos; em segundo lugar, a ligação entre a história e a escatologia; finalmente, a escatologia em seus próprios termos.

Cenário Histórico

Começo este estudo com uma breve revisão do *status* atual dos capítulos históricos naquilo que diz respeito a sua historicidade quando esta é avaliada por documentos extrabíblicos.

Os dois grandes problemas históricos em Daniel I foram resolvidos com a publicação das crônicas acerca dos treze primeiros anos de Nabucodonosor por D. J. Wiseman, em 1956. Na última metade do artigo sobre o ano 605 está a declaração: “nessa época Nabucodonosor conquistou o *país de Hatti* em sua totalidade.” A designação de *país de Hatti* ou *nação hitita* compreende toda a Síria e mesmo a Palestina. De acordo com tais crônicas, até a cidade filistéia de Ascalom se localizava naquela região. Em 597, Nabucodonosor marchou até a “terra de Hatti”, ocasião em que atacou a “cidade de Judá”, isto é, Jerusalém. Destarte, o reino de Judá estava incluído na chamada “totalidade” do país de Hatti conquistada em 605. O terceiro ano de Jeoaquim, mencionado em Daniel 1:1 como data para essa conquista, pode ser conciliado com a data dessa crônica, se o interpretarmos de acordo com o padrão estabelecido pelas práticas judaicas de contagem do ano de ascensão ao trono e por seu calendário que vigorava de outono a outono.

Embora não tenhamos um texto extrabíblico que se refira diretamente aos eventos que ocorreram na Planície de Dura conforme expostos em Daniel 3, informações extrabíblicas nos dão uma compreensão melhor acerca do *background* de tal evento.

**William H. Shea*, Ph.D. em Línguas Semíticas, Universidade do Michigan, EUA. Diretor associado do Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Whashington D.C., EUA. Esteve no SALT-IAENE em Janeiro de 98 ministrando a matéria “Doutrina do Santuário” em nível de pós-graduação.

Esse sítio geográfico tem sido identificado por causa de nossa atual compreensão de que a palavra babilônica para “muralha” (*dur*) acrescida de um artigo aramaico, que funciona como uma espécie de sufixo, nos dá o vocábulo Dura. Assim, nós não temos que encontrar uma cidade, um rio ou um canal que se chamem Dura porque “a planície da muralha” se localizava na própria cidade de Babilônia, que era rodeada por uma muralha de cerca de 1,5 km². Nabucodonosor acrescentou à cidade um novo setor do lado oriental protegido por uma muralha de 9 a 10,5 km de comprimento. A área localizada entre essas duas muralhas estava apenas parcialmente construída e constituía um amplo espaço aberto. Ali, na “planície da muralha”, foi erigida a grande estátua. Trata-se provavelmente da estátua de Marduque, o deus de Babilônia, e não uma representação do próprio Nabucodonosor. Com base nesses fatores, pode-se até especular onde ela se localizava exatamente. Todos os nove portais de Babilônia recebiam seus nomes a partir das divindades babilônicas, e o portal de Marduque se localizava a meio caminho do lado oriental da cidadela interior. Dessa forma, os oficiais listados em Daniel 3 teriam se reunido ao atravessar aquele portal e se postarem diante da estátua de Marduque, que se voltava para o oeste em direção a seu portal. Por que se voltava para o oeste? Porque aquela era a direção onde jazia o seu templo, bem no coração da cidadela interior, perto da grande torre de seu templo: o *ziggurat*. A altura dessa imagem tem sido ridicularizada pelos críticos, mas, de fato, ela quase se perde em insignificância quando comparamos seus 60 cúbitos (aproximadamente 30 m) com os 300 cúbitos de altura da torre do templo (aproximadamente 100 m).

Quanto aos sete anos da insanidade de Nabucodonosor, conforme registrados em Daniel 4, pode haver um texto cuneiforme que os relate, mas, infelizmente, tal texto está tão corrompido que nenhuma conexão segura pode ser traçada. Há alguns anos, A. K. Grayson, da Universidade de Toronto, publicou um texto do Museu Britânico que descreve algumas ações excêntricas de Nabucodonosor. O texto diz que ele não estava dando importância aos templos de Babilônia e mesmo aos membros de sua família. Ele partiu, então, para um certo lugar cujo nome não é apresentado na porção legível do texto, e isso fez com que seu filho Amel-Marduque, o malvado Merodaque bíblico, assumisse as rédeas da nação. Eventualmente, Nabucodonosor voltou à cidade e ergueu suas mãos em prece a seus deuses, ao entrar no grande portão de Ishtar. Há uma reclamação generalizada por parte dos estudiosos dos tablettes cuneiformes de que tais tablettes estejam sempre quebrados no clímax da história e, infelizmente, isso também é verdade com respeito a esse interessante texto que pode estar relacionado a Daniel 4. Talvez, no futuro, alguma duplicata desse texto possa ser encontrada que esteja em melhor estado de conservação.

A iluminação de Daniel 5 tem tido quatro fases progressivas, cada uma delas dando uma confirmação ainda mais explícita da historicidade da narrativa

sobre a queda de Babilônia e de Belsazar:

(1) O conhecimento acerca desse Belsazar como um príncipe da antigüidade não foi preservado pelos historiadores gregos e romanos; dessa forma, antes de 1861 AD, o livro de Daniel era a única fonte primária da antigüidade a fazer referência a ele. Em 1861, contudo, o primeiro texto a mencionar Belsazar foi publicado. Desde então, tem havido um aumento vagaroso mas contínuo na publicação de documentos que o mencionam.

(2) O segundo passo nessa linha foi dado por Sidney Smith, em 1924, quando este publicou o texto agora conhecido como o "Relato em Verso sobre Nabonido". Ali é mencionado que, quando Nabonido partiu a fim de permanecer por um tempo prolongado em Tema, na Arábia, ele "confiou o reino" a Belsazar.

(3) O terceiro passo ocorreu quando C. J. Gadd publicou as inscrições de Harran que mencionavam que Nabonido havia permanecido por dez anos na Arábia. Daniel obviamente teve conhecimento dessa ausência prolongada, já que datou duas de suas profecias no primeiro e terceiro anos de Belsazar (obviamente elevado ao trono em uma co-regência por causa dessa situação).

(4) O quarto e derradeiro passo na conexão de Daniel 5 com a história babilônica foi dado quando se percebeu a conexão íntima que há entre este capítulo e as crônicas de Nabonido no que estas dizem respeito à queda de Babilônia. Se Nabonido estivesse na cidade naquela noite, ele teria feito uma referência à aparição no banquete descrito em Daniel 5, mas nenhuma referência se faz a ele. Porém, suas crônicas nos dizem onde encontrá-lo: ele estava no campo de batalha, enfrentando uma outra divisão do exército de Ciro que atacava pelo flanco próximo ao rio Tigre. Assim, Daniel diz que Belsazar, um co-regente com uma divisão do exército, encontrava-se na cidade na noite em que ela foi tomada, enquanto que as Crônicas de Nabonido nos informam que Nabonido, o principal co-regente, estava no campo de batalha com outra divisão de seu exército. O encaixe é perfeito e somente poderia ter sido compreendido por um contemporâneo do século VI aC. Qualquer pseudo Daniel que escrevesse no séc. II aC não teria conhecido os detalhes com essa precisão já que eles não haviam sido preservados em nenhuma outra fonte.

O último capítulo histórico do livro de Daniel é o capítulo 6. Ele descreve o início do período persa em Babilônia, o qual envolve o reinado do obscuro governante chamado de Dario, o medo. Seu nome parece ser um nome babilônico de reinado atribuído a Ugbaru, o general que conquistou Babilônia para Ciro. Ele governou por um período curto e as Crônicas de Nabonido registram que tal general instaurou governadores em Babilônia, precisamente a mesma ação atribuída por Daniel a Dario, o medo. Eu já gastei tempo demais com esse personagem! Contudo, é necessário admitir que ainda nos falta um texto contemporâneo que o identifique naquela posição mais precisamente.

Podemos resumir brevemente essa visão geral sobre os capítulos históricos de

Daniel, afirmando que, com cada descoberta de documentos históricos datados do período neobabilônico, progressivamente mais iluminação tem sido obtida para tais capítulos, confirmando, assim, a sua historicidade. O fato é que esses documentos extrabíblicos geralmente mencionam eventos que também são citados em Daniel.

História Imprecisa e Escatologia Irreal

Volvemos agora para a questão que une história e escatologia. Uma razão por que salientar a precisão dos capítulos históricos de Daniel é o desejo de vinculá-los a uma escatologia completamente tangível. Ora, se o relato histórico de Daniel é preciso, então sua escatologia o será também. Mas, se sua parte histórica for inaccurada, então não haverá bases para a aceitação de sua escatologia tampouco. Isso é claramente perceptível no recente comentário da Hermenia, escrito por J. J. Collins, acerca de Daniel. O autor faz um enorme esforço para invalidar os capítulos históricos de Daniel por causa de sua adoção da *hipótese macabéia*, segundo a qual o livro de Daniel teria sido escrito no séc. II aC.

Falando acerca do reino de pedra de Daniel 2, Collins primeiramente menciona que Josefo evitou identificar tal pedra com medo de ofender seus leitores romanos. Então, declara que, para Porfírio, um filósofo não cristão, a pedra seria a nação judaica. Ele acrescenta, porém, que também uma interpretação messiânica é encontrada nos escritos rabínicos. Depois, ele mostra a identificação da pedra com Jesus, fato que, segundo ele, ocorreu por causa da interpretação dada ao evento pelos autores neotestamentários. A seguir, alude à identificação da pedra com a igreja, interpretação de alguns cristãos primitivos. Ele comenta ainda que Jerônimo identificou a pedra como o próprio Cristo, alegando que o fato de tal pedra ter sido “cortada sem o auxílio de mãos” (2:34) evidenciaria o nascimento virginal de Jesus. Essas são todas as interpretações dadas por ele. O autor não declara qual é a sua posição – provavelmente porque nenhuma dessas o seja. Collins, de fato, imagina que o evento de Daniel 2 se aplique à destruição do reino selúcida, ocorrida no séc. II aC.

Há uma volumosa bibliografia que apoia a aplicação do reino de pedra ao reino escatológico final que Cristo implantará por ocasião de Sua segunda vinda, mas Collins não a cita. Froom, por exemplo, menciona cerca de 45 intérpretes *milleritas*, entre 1831 e 1844, que defendiam que o reino de pedra equivalia ao estabelecimento final do grande reino. O autor menciona ainda que havia, na mesma época, 29 intérpretes não *milleritas* que mantinham a mesma opinião. Nos séculos 17 e 18, para cada intérprete que considerava que o reino de pedra era um reino espiritual fundado na cruz, havia 13 outros que o consideravam um reino escatológico. Eu acho que se alguém usa o método histórico-crítico, tal

pessoa deve, pelo menos, ser criteriosa e mencionar todas as possibilidades! O que temos aqui é como uma falsa interpretação da história leva a uma falsa conclusão acerca da escatologia. Ou, talvez, o que ocorra seja, de fato, o inverso.

A Ligação entre a Verdadeira História e Escatologia Real

É interessante perceber como o texto de Daniel liga a história de seu próprio tempo com o reino final e escatológico de Deus. Há pelo menos quatro exemplos disso no livro. O primeiro vem da comparação de Daniel 2:37-38 com Daniel 7:13-14.

(1) A primeira ligação entre história e escatologia em Daniel é o início da explicação de Daniel a Nabucodonosor sobre a grande estátua. Ali, ele afirma: “Tu, ó rei, rei de reis, a quem o Deus do céu conferiu o reino, o poder, a força e a glória; a cujas mãos foram entregues os filhos dos homens, onde quer que eles habitem, e os animais do campo e as aves dos céus.”

Isso pode ser comparado à conclusão da cena da corte celestial em Daniel 7:14. Ali, o Filho do Homem recebe “domínio e glória, e o reino, para que todos os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem.” O segundo, terceiro e quarto reinos de Daniel 2 e 7 não são descritos nos mesmos termos. No início da profecia de Daniel 2, os filhos dos homens estão sujeitos a Nabucodonosor conquanto em Daniel 7 todos os povos estão sujeitos ao Filho do Homem. As palavras são exatamente as mesmas em aramaico, exceto que uma forma é singular e a outra plural. O reino e a glória são comuns aos dois reis, mas o “poder” e a “força” do monarca terreno são substituídos na lista de Daniel 7 pelo “domínio” do Filho do Homem. Isso acontece porque não mais serão necessários nem o poder nem a força dos exércitos terrenos para garantir a estabilidade do reino celestial.

Além disso, os dois reis reinam sobre três coisas. O reino de Nabucodonosor é tão abrangente que inclui os animais do campo e as aves do céu juntamente com os filhos dos homens. O Filho do Homem também reina sobre três grupos, mas esses são formados apenas por seres humanos. Isso enfatiza que o reino do Filho do Homem contará com mais súditos do que o de Nabucodonosor. De forma interessante, em Daniel 7 a expressão “filhos dos homens” não aparece entre os governados. Isso deixa claro que o singular desse título se reserva exclusivamente ao grande líder que os evangelhos identificam como sendo o Cristo.

Destarte, há um paralelismo entre os reinos de Daniel 2 e 7, exceto que o último será muito maior, mais grandioso e mais glorioso do que o primeiro. O primeiro será ampliado e glorificado no último. Nesse sentido, portanto, Nabucodonosor é um tipo de figura messiânica, embora seja apenas uma pequena sombra do grande regente que virá afinal.

É ainda interessante que tal paralelismo se estabelece numa comparação ainda maior que cobre toda a seção aramaica do livro de Daniel. Em um estudo que tem se tornado um ponto de referência, o erudito francês Lenglet percebeu uma construção quiástica em Daniel 2-7:

- A Daniel 2 – Profecia sobre um reino mundial
- B Daniel 3 – Perseguição contra os judeus em Babilônia (Fornalha ardente)
- C Daniel 4 – Juízo sobre Nabucodonosor
- C' Daniel 5 – Juízo sobre Belsazar
- B' Daniel 6 – Perseguição contra os judeus em Babilônia (Cova dos leões)
- A' Daniel 7 – Profecia sobre um reino mundial

Dessa forma, o esquema da construção literária aqui é A:B:C::C:B:A. Como, por 14 anos, meus alunos do seminário me chamaram de “rei do quiasmo”, eu estaria em delírio se não lhes mostrasse pelo menos um quiasmo neste artigo.

Dentro desse paralelismo maior, estabelece-se uma comparação do reino com o qual Daniel 2 começa e aquele que aparece na conclusão de Daniel 7. Esses reinos permanecem em oposição, de forma geral, nessa seção do livro.

Há, no entanto, um contraste ainda maior entre os dois reinos no que esses dizem respeito ao aspecto “tempo”. Daniel ousa dizer a Nabucodonosor que haverá um outro reino depois do seu, no v. 39: o reino de prata dos persas. Na posição paralela de Daniel 7:14b, a duração do reino do Filho do Homem é descrita como um “domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.” O Império Neobabilônico durou por meros 70 anos enquanto o reino do Filho do Homem durará por toda a eternidade.

(2) Um segundo elemento histórico de Daniel 3 também pode ser conectado a um elemento escatológico de Daniel 7. Daniel 3 é a narrativa que descreve como os três hebreus foram lançados na fornalha ardente. Para se certificar que o forno de tijolos estava cumprindo sua obrigação, Nabucodonosor se inclinou à boca da fornalha. Conquanto o rei tivesse ordenado a seus soldados que atirassem apenas três homens na fornalha, ele percebia que ali havia agora quatro homens e o quarto se parecia com “um filho dos deuses”. Essa é uma tradução precisa do texto aramaico e não deveríamos esperar que o monarca identificasse o quarto homem como o Messias pois, nessa época, ele ainda não se convertera. O que ele notou mesmo foi que a quarta figura era diferente das outras três, isto é, ele percebera que o quarto homem era um ser divino.

Para comparação, volvamo-nos a Daniel 7:9-14. A primeira vez que Daniel perscrutou em visão a corte celestial, ele viu o Ancião de Dias, Deus Pai, sentado

sobre Seu trono, rodeado por todas as hostes de anjos. Isso era normal e até esperado, pois é no céu que Deus habita e os anjos com Ele. Em sua segunda visão dessa cena, contudo, Daniel vê “um como o Filho do homem.” Essa também é uma tradução acurada. Essa frase é, aqui, uma descrição, embora seja usada como título no Novo Testamento. O que significa, então, essa descrição? O que isso quer dizer é que, quando Daniel perscrutou o céu, ele viu, ali, Deus e Seus anjos (o que seria esperado), mas, então, ele viu um outro ser semelhante a um homem. Ele era um tipo especial de “Filho do homem”, mas, apesar disso, se parecia muito com um homem.

No caso anterior, Nabucodonosor viu um ser divino, que pertenceria normalmente ao reino de Deus, presente no reino dos homens. No segundo caso, Daniel viu um ser semelhante a um homem, que normalmente pertenceria ao reino dos homens, presente no reino do céu. Dessa forma, as duas figuras estão ligadas. De novo, no primeiro caso, um ser divino veio do céu para resgatar os três hebreus que haviam sido condenados à morte; No segundo caso, um ser semelhante a um homem, que andaria nas trilhas poeirentas da Galiléia, agora se levanta diante do trono de Deus, no céu, para resgatar todos os santos do Altíssimo, para recebê-los e trasladá-los.

(3) Uma terceira conexão entre história e escatologia pode ser sugerida através da reconciliação da cronologia de Daniel 7 com o conteúdo daquela visão, dada no primeiro ano de Belsazar. Por que Deus escolheria aquele ano em particular para revelar a história futura do mundo e de Seu reino eterno? O que aconteceu no primeiro ano de Belsazar? Esse foi o ano em que Belsazar foi estabelecido como co-regente com Nabonido, seu pai. Mas o que tem isso que ver com o conteúdo da visão? Enquanto as co-regências eram bem conhecidas e usadas no Egito, elas eram extremamente incomuns nos reinos da Mesopotâmia. Dessa forma, Deus escolheu o ano em que uma co-regência rara e incomum foi estabelecida aqui na terra para falar acerca de uma co-regência no céu. É isso o que temos em Daniel 7:9-14. O Ancião de Dias se senta em Seu trono conduzindo a cena da corte como faria um monarca terreno. Mas, então, o Filho do Homem é trazido a Ele para receber o reino como resultado do juízo. Destarte, em essência, o Rei Celestial estabelece um outro rei como co-regente, o Filho do Homem. Assim, a sombra bruxuleante do estabelecimento de uma co-regência terrena se torna a ocasião em que a co-regência celestial se materializa de modo nunca visto dantes. O presente exemplo terreno diante do povo de Deus proveu-os com uma explanação adicional daquilo que há de acontecer no futuro reino divino.

Quero suspender aqui a discussão da quarta ligação entre história e escatologia em Daniel até que uma descrição mais geral do papel do Messias na apocalíptica seja dado.

A Profecia Clássica, a Profecia Apocalíptica e a Escatologia

Há algumas narrativas no livro de Daniel que se encaixam melhor na profecia clássica do que na apocalíptica. O capítulo 4 é um exemplo disso. Ali Daniel apresenta uma profecia, uma interpretação do sonho do rei, ao próprio rei. Nessa interpretação, Daniel fala ao rei acerca de um juízo que vai cair sobre ele a menos que se arrependa. Nabucodonosor ignora a exortação e continua em seu caminho obstinado. Um ano depois o juízo cai sobre o monarca e ele é exilado para o meio dos animais do deserto como um homem louco. Essa profecia é semelhante, em termos gerais, às mensagens que Isaías, Jeremias e outros profetas deram aos príncipes e ao povo de sua época.

A profecia de Daniel 9 apresenta as mesmas características. Não há símbolos envolvidos na mesma, pois essa profecia é um ensinamento didático e direto acerca do futuro. A única visão à qual ela se conecta ocorreu dez anos antes no capítulo 8. A profecia não apenas responde as petições de Daniel, mas revela ainda mais coisas acerca do futuro do povo de Deus em sua terra. Assim, essa profecia não contém as características básicas da apocalíptica. A escatologia à qual ela se refere diz respeito à nação judaica, não uma escatologia final para o mundo. Por isso, de acordo com um consenso mesmo entre historicistas e futuristas, essa profecia se centraliza na vinda do Messias ao povo judeu na época dos romanos. Ora, Seu destino é descrito: “será cortado o unguido” (9:26) – Sua morte deveria prover expiação e justiça eterna advir dela. O quadro central de Daniel 9 é, portanto, o de um Messias que sofre e morre: isto é, o Messias como sacrifício.

O simbolismo de Daniel 8, por outro lado, tem muitas características apocalípticas, mas tais características são incompletas uma vez que não provêm uma escatologia final. A duração da profecia se estende até o fim dos 2300 anos. Durante esse período, são descritos o carneiro persa, o bode grego, os quatro chifres da Grécia dividida e as conquistas romanas para o sul e para o leste e a terra gloriosa. Então a profecia faz uma transição que costumamos denominar de “dimensão vertical da apocalíptica”, pois ela nos leva até o santuário celestial. Ali vemos o Príncipe cumprindo o ministério diário (“contínuo” ou *tamid*) em favor de Seu povo aqui na terra. Em outras palavras, Ele aplica os benefícios de Seu sacrifício ao povo da terra que respondeu a Seu chamado. O quadro central que funciona como clímax de Daniel 8 é o de Cristo como nosso Sumo Sacerdote.

Com Daniel 7, contudo, nós lidamos com uma profecia perfeitamente apocalíptica que culmina com um grande clímax escatológico. O surgimento e a derrocada das nações são revistos e, então, a resposta de Deus a esses governos terrenos e passageiros é dada na cena da corte celestial descrita acima. Ali o Filho do Homem é confirmado como Rei Eterno sobre os salvos de todas as

épocas, isto é os santos do Altíssimo conforme estes são descritos no final do capítulo. Cristo aqui é apresentado primariamente como Rei.

Há, portanto, três quadros de Cristo que se ligam entre si nas três profecias que formam o cerne do livro de Daniel. Em Daniel 9, Cristo é apresentado como sacrifício; em Daniel 8, como sacerdote; e, finalmente, em Daniel 7, como Rei. Há algo errado, no entanto, com essa ordem, pois ela se apresenta de forma inversa ao nosso jeito moderno de pensar. Nós teríamos escrito livro na seqüência que incluiria o sacrifício primeiro, o sacerdote em segundo lugar, e o rei por último. Mas Daniel não escrevia em português no séc. XX. Ele escrevia em hebraico e aramaico no séc. VI aC. E um modo comum de organização do pensamento, naquela época, era partir do efeito para a causa. Nós, por outro lado, raciocinamos da causa para o efeito. É necessário, por isso, que nos coloquemos na pele de Daniel a fim de que vejamos como as pessoas de sua época arrazoavam e como Deus lhes falava.

Uma ilustração simples desse tipo de raciocínio pode ser vista na declaração de Jesus: “onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração” – Mat. 6:21. Nada há de errado com essa asserção a não ser que, do nosso ponto de vista moderno, ela se encontra invertida. Nosso coração, nossos motivos, tudo isso é a fonte da qual o nosso acumular tesouros no céu resulta. Mas Jesus disse isso ao contrário, pois Ele arrazoava com seus ouvintes do efeito para a causa. Esse tipo de abordagem é comum no AT, embora não seja exclusivo daquele texto. E é isso mesmo o que ocorre em Daniel 7, 8 e 9.

Façamos, portanto, uma revisão desses quadros: Daniel 9 está no tempo pretérito, porque Jesus morreu. Daniel 8 está no tempo presente pois esse é o momento em que Jesus envia Seu socorro para nós a partir de Seu santuário celestial. Daniel 7 atinge seu clímax no futuro quando Ele há de receber Seu reino glorioso, literal e físico. Nós ansiamos por aquele dia! Ora, desses quadros cristológicos nós podemos receber poder espiritual. De Daniel 9 obtemos expiação e justificação. De Daniel 8 recebemos intercessão e santificação. De Daniel 7 obtemos a glorificação final.

Três profecias, três quadros de Jesus, três tempos de salvação e tipos diferentes de profecia. Daniel 9 é muito provavelmente profecia clássica. Daniel 8 é uma profecia apocalíptica que carece de uma escatologia. Daniel 7 é uma profecia apocalíptica inteiramente, e esta culmina com o reino de Deus final e escatológico.

O Último Caso que Liga História e Escatologia em Daniel

A última profecia de destaque em Daniel cobre os três capítulos finais do livro. O corpo da profecia se encontra em Daniel 11; sua introdução ou prólogo, em Daniel 10; seu epílogo, no capítulo 12. Daniel 12 não é uma profecia

separada como alguns afirmam; ela está perfeitamente integrada com o que é apresentado em Daniel 11. Daniel simplesmente segue a abordagem padrão em que a descrição profética de um evento é dada primeiramente e, depois, as datas a ele conectadas. A mesma ordem é seguida, por exemplo, em Daniel 7 e 8, onde as datas vêm por último (como o que ocorre em Daniel 12).

Não devemos nos concentrar, aqui, em Daniel 11 (que é uma profecia de difícil interpretação), mas na introdução histórica à profecia de Daniel 10, e suas ligações com a escatologia encontrada nos quatro primeiros versos de Daniel 12 (que são, de fato, a conclusão de Daniel 11). Devemos concentrar nossa atenção na figura de Miguel, pois Miguel aparece envolvido em história em Daniel 10 e em escatologia em Daniel 12.

O capítulo 10 começa com a oração de Daniel, seu pranto e jejum de três semanas. Ele não declara qual era o problema, mas quando se conecta a data no capítulo (o terceiro ano de Ciro) com Esdras 4, é possível supor que a dificuldade advinha de terem os samaritanos forçado uma interrupção na reconstrução do templo. Os samaritanos tinham feito uma petição legal e a corte para tal petição deve ter sido Babilônia já que o nome da província babilônica era *Província de Babilônia e Além-Rio*. Só após a reorganização imperial de 520 é que a província foi dividida em duas partes. Ora, em Babilônia, os samaritanos encontraram uma audiência favorável uma vez que o príncipe persa era o assistente do trono ali. Esse era Cambises, mencionado tanto por Daniel quanto por Esdras. Ele se tornou notório na antigüidade por sua intolerância religiosa para com aqueles que não eram adeptos de sua religião, o zoroastrismo. Ele era odiado na Pérsia onde havia assassinado seu próprio irmão. Era odiado no Egito onde havia derrubado templos e havia matado o boi Ápis. É, por isso, que os historiadores supõem que sua morte tenha sido um suicídio. Os modernos historiadores do Irã têm insistido, sem sucesso, em uma reavaliação histórica de seu caráter.

Cambises, esse príncipe de Daniel 10, agia como um demônio, quer tenha sido motivado pelo diabo ou não. Gabriel narra a Daniel que se juntara a Miguel no empreendimento de convencer Cambises a dar uma boa solução ao caso. Eles haviam lutado com o príncipe por três semanas mas, ainda assim, Cambises não se deixara persuadir. Ele estava decidido a conceder aos samaritanos o direito de interromperem a obra em Jerusalém. Depois de anunciar a Daniel a profecia que se segue, Gabriel afirma que se juntaria uma vez mais a Miguel para trabalharem o coração do príncipe da Pérsia. Infelizmente, aquele homem era um louco e o resultado continuou sendo desfavorável para os judeus!

Como eventualmente se pode descobrir em Judas 9 e Apocalipse 12, Miguel é identificado com Cristo. Em Daniel somos informados apenas que Ele era o príncipe dos anjos que mantinham sob seus cuidados o povo de Deus naquele tempo. O nome Miguel é usado especialmente em passagens bíblicas de teor controverso (tanto histórico quanto escatológico). O fato é que Miguel

comanda o exército de Deus na peleja do Grande Conflito. E Ele já fazia isso na época de Daniel sob o domínio persa.

Na outra extremidade dessa profecia, Miguel reaparece no *eschaton*. No final da revisão de todos os reis terrenos, Miguel finalmente se levanta durante o tempo de angústia final a fim de defender Seu povo. Pela última e derradeira vez, Miguel guerreia contra as forças terrenas do diabo, da mesma forma que o fizera antes, pelejando contra Satanás e seus anjos conforme Apocalipse 12.

Há um espectro cronológico aqui. Há uma protologia que retrocede até mesmo antes da criação quando Miguel e Seus anjos combateram o dragão e sua falange, quando estes foram expulsos do céu. Há ainda os casos históricos intermediários, que se referem ao tempo de Moisés e ao tempo de Daniel, quando Miguel, com efeito, pelejou em contextos históricos. Então, há ainda a batalha escatológica final que ocorrerá quando Miguel “se levantar”.

O verbo “levantar-se” tem, aqui, um sentido dual. Ele se levanta porque vários aspectos de Seu ministério celestial estão concluídos. Essa fase de Sua obra está completa. Mas, mais especificamente, o verbo “levantar-se” é usado através de Daniel 11 no sentido que se aplica ao surgimento de um novo regente, quando este ascende ao trono, iniciando seu governo. Isso quer dizer que, de acordo com Daniel, os reis terrenos tiveram sua chance, mas agora é a vez de Miguel se levantar e assumir o reino final dos santos do Altíssimo. Os súditos desse reino vêm de dois grupos: o grupo dos que estiverem vivos no tempo de angústia final e o grupo dos que estiverem adormecidos esperando pelo despertar trazido por Miguel, seu rei, o Filho do Homem que reinará para todo o sempre.

Nessa ocasião, conforme o texto assevera, os justos resplandecerão “como estrelas para sempre”. Ora, a mais brilhante de todas essas estrelas será Miguel, o Senhor Jesus Cristo, rei por toda a eternidade.

Traduzido, do manuscrito original em Inglês,
por
Milton L. Torres.